
[COSTA, Felipe Rodrigues da; FERREIRA NETO, Amarílio; SOARES, Antonio J. G. Crônica esportiva brasileira: histórico, construção e cronista. Revista Pensar a Prática, v. 10, n. 1, p. 15 - 31, jan/jun. 2007.](#)

Categoria : [História do Esporte e das práticas socioculturais](#)

Publicado por admin em 24/05/2012

CRÔNICA ESPORTIVA BRASILEIRA: histórico construção e cronista

Felipe Rodrigues da Costa[1]

Amarílio Ferreira Neto[2]

Antonio Jorge G. Soares[3]

RESUMO

A crônica há muito tempo tem sido utilizada nos meios de comunicação, sobretudo no jornalístico. Na área esportiva brasileira, a crônica aborda as diferentes modalidades, principalmente o futebol, que servirá como referência para a discussão do nascimento da crônica na França, da sua construção como gênero literário, da chegada no Brasil e seu desenvolvimento como gênero nacional e do papel do cronista na sua transformação. Faz uma revisão de literatura para construir o histórico da crônica no Brasil, associando o futebol à "nacionalização" e difusão desse gênero narrativo.

Palavras-chave: Futebol. Crônica esportiva. Cronista

The Brazilian sports chronicle: historical, construction and chronicler

ABSTRACT

For ages the chronicle has been used in the communication area, above all in the journalistic one. In the Brazilian sports area, the chronicle talks about different modalities, especially soccer, that will work as a referential instrument for the discussion about the birth of the chronicle in France, its construction as literary genre, its arrival in Brazil and its development as national genre and the chronicler role in the transformation. It reviews Literature in order to build the chronicle historical in Brazil, relating soccer to the “nationalization” and diffusion of this narrative genre.

Keywords: Soccer. Sports chronicle. Chronicler.

Crónica deportiva brasilena: histórico, construcción y cronista

RESUMEN

La crónica, desde hace mucho tiempo se ha utilizado en los medios de comunicación, fundamentalmente en el periodístico. En el área deportiva brasilena, la crónica aborda las diferentes modalidades, principalmente el fútbol, que servirá como referencia para la discusión del nacimiento de la crónica en Francia, de su construcción como género literario, de su llegada a Brasil y su desarrollo como

gênero nacional y del papel del cronista en su transformación. Se hace una revisión de literatura para construir el histórico de la crónica en Brasil, asociando el fútbol a "nacionalización" y difusión de este género narrativo.

Palabras claves: Fútbol. Crónica deportiva. Cronista

Introdução

A crônica hoje se enquadra como gênero literário de assunto livre, de registro de pequenos fatos do cotidiano sobre política, arte, esporte e variados temas. Por se tratar de assuntos considerados menos importantes e por ser um texto limitado espacialmente nas edições dos jornais nas colunas ou em artigos opinativos, a crônica é tida como um gênero menor, o que, talvez, seja essa característica que permita ao cronista analisar "[...] as pequenas coisas que as grandes vistas não percebem" (LUCENA, 2003, p. 162).

A crônica conhecida nos dias de hoje no Brasil, nasceu nos folhetins franceses (século XIX), nos rodapés dos jornais, para entreter os leitores, aparecendo em 1799, no Journal Dibats, em Paris, com Julien-Louis Geoffrou "[...] fazendo crítica diária da atividade dramática" (MOISÉS, 1982, p. 245).

Nos espaços de rodapé, começaram a aparecer textos de ficção, nascendo, assim, o folhetim romance e o folhetim variedades. O folhetim romance era desenvolvido em capítulos, o que permitia que o leitor acompanhasse a história dia a dia pelos jornais. Já o folhetim que deu origem ao gênero crônica foi o folhetim variedades. Lucena (2003, p. 164) descreve as transformações operadas nesse gênero de jornalismo: "[...] de onde ela emerge, a crônica vai instaurar rupturas tanto do ponto de vista lingüístico quanto, e principalmente, do ponto de vista temático". O argumento central é que a crônica pode ser não ficcional, na medida em que deriva de fatos do cotidiano, ao mesmo tempo em que pode possuir uma dimensão ficcional, quando possibilita ao autor construir diálogos e acrescentar personagens, além das características poéticas também pertinentes à crônica. Mas

esse sentimento “[...] não pode ser a simples expressão de uma dor de cotovelo, mas acima de tudo um repensar constante pelas vias da emoção aliada à razão [...] papel [que] se resume no que chamamos de lirismo reflexivo” (SÁ, 2002, p. 13).

Dessa forma, o presente artigo objetiva estabelecer a relação entre a crônica esportiva e o futebol no Brasil: a crônica como objeto que busca seu espaço nos meios de comunicação e o futebol se desenvolvendo como esporte popular.

O jornal se apresenta para nós como um veículo de

[...] manutenção e 'construção' de um passado que assume significados no presente da notícia [...] no caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte (SALVADOR et al., 2005).

A crônica no Brasil

Chegando ao Brasil, a crônica ganhou nova roupagem, a ponto de exclamarem que esse gênero seria tipicamente brasileiro:

[...] a crônica assumiu entre nós caráter sui generis. Em outros termos, estamos criando uma nova forma de crônica (ou dando erradamente esse rótulo a um gênero novo) que nunca medrou na França. Crônica é para nós hoje, na maioria dos casos, prosa poemática, humor lírico, fantasia, etc., afastando-se do sentido de história, de documentário que lhe emprestam os franceses (MOISÉS, 1982, p. 246).

Para alguns, a crônica foi naturalizada brasileiro-carioca:

[...] se gaulesa na origem, a crônica naturalizou-se brasileira, ou melhor, carioca: é certo que há cronistas, e de mérito, em vários Estados onde a atividade jornalística manifesta vibração algo mais do que noticiosa, - mas também é certo que, pela quantidade, constância e qualidade de seus cultores, a crônica semelha em produto genuinamente carioca (MOISÉS, 1982, p. 246).

Naturalização essa que, para Moisés (1982), foi conseguida pelas profundas transformações promovidas pelos escritores brasileiros, sobretudo os cariocas, não só pela qualidade dos cronistas, mas também pela quantidade e pela constância com que publicavam. O Rio de Janeiro, quando a crônica ganha força no início do Séc. XX, era a capital da República e um palco central de acontecimentos. Teria sido Mario Filho que, trazendo uma nova forma de escrita, ^[4]um estilo mais simples, sepultou a escrita de fraque dos antigos cronistas esportivos. Seria ele a referência do nascimento da crônica esportiva, incorporando ao gênero, além da nova linguagem, respeitabilidade ao ofício da crônica:

Mario Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público. Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato. E, nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível. E, então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página [...]. Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas, clichês [...]. O cronista esportivo começou a mudar até fisicamente. Por outro lado, seus ternos, gravatas e sapatos acompanharam a fulminante ascensão social e econômica. Sim, fomos profissionalizados por Mario Filho. (RODRIGUES, 1987, p. 137-138).

Foi no Rio de Janeiro que se iniciou a atividade folhetinesca. Durante a década de 1930, tido como o ano da aceitação da crônica, após duas décadas de divulgação, a nação passava por momento político delicado. “Tratava-se de um período da história do Brasil que se caracteriza pelo reformismo. A substituição, pura e simples, de um segmento das classes políticas dominantes por outro, sem que isso significasse qualquer transformação de base no país” (CALDAS, 1990, p. 179).

Esse quadro político nacional estimularia a publicação de material crítico daqueles que estavam inseridos no processo, contra ou a favor do regime instaurado. “O contexto em que se dava essa produção é que apresentava uma novidade: a correlação entre artista e intelectual de um lado, e Estado e sociedade de outro” (CALDAS, 1990, p. 181). Nesse contexto de efervescência cultural, a crônica já estava legitimada como gênero, mas, desde a década de 1910, o futebol, em conjunto com outros assuntos, já estava presente nas penas de cronistas famosos: os grandes responsáveis por essa aceitação da crônica no Brasil foram João do Rio (1900 - 1920) iniciando o processo de divulgação desse gênero; depois com Rubem Braga, na década de 1930, seguido de vários outros, como Fernando Sabino, Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos (MOISÉS, 1982). Esse mesmo contexto contribui também para mudanças literárias no País. Com a Academia Brasileira de Letras perdendo prestígio no cenário instituído, bem como a literatura de estilo rebuscado, caracterizada pelos escritos de Rui Barbosa, a chegada dos modernistas influenciou a entrada de uma nova perspectiva literária.

Pensamos que a crônica, nascida nos folhetins franceses e construída ao estilo francês, chega ao Brasil e sofre adaptações lingüísticas e temáticas, de maneira tão profunda que passa a ser considerada um gênero brasileiro. Moisés (1982) afirma que adaptação do gênero à realidade brasileira ou a apropriação do termo acabou por constituir-se num novo estilo de retratar o cotidiano. Nos termos de Burke (2003, p. 32) poder-se-ia pensar que estamos diante do processo de circularidade cultural, isto é, "[...] cada imitação é também uma adaptação".

Esse processo de adaptação criou a marca do uso metafórico das palavras e os processos lingüísticos ^{trabalhados} na crônica brasileira, sobretudo, na esportiva. Esses usos teriam sido peças fundamentais para a constituição da crônica no Brasil e caracterização do gênero como brasileiro e carioca. Um cronista que trabalha de maneira diferenciada a linguagem é Armando Nogueira:

Sua crônica reveste-se, assim, dos efeitos catárticos, por transmutar em palavra poética, pelo viés da subjetividade, os sentimentos que subjazem à representação das coisas e objetos e por evocar as imagens mítico-simbólicas que ressoam no imaginário do futebol [...]. Desta forma, Nogueira redefine a crônica de futebol, ao reorientar para o poético, em função de uma linguagem mítico-metafórica, um percurso supostamente referencial e, ao inserir nele as aspirações humanas dos aficionados por esse esporte [...] sua crônica, pelas implicações lingüísticas da subjetividade do narrador, contribui para a classificação da crônica de futebol como um subgênero (RAMADAN, 1997a, p. 26).

No jornalismo esportivo brasileiro, Armando Nogueira é um exemplo da construção da crônica poética, ficcional. Esse cronista usa "[...] adjetivações valorativas, ritmo, jogo de imagens, subterfúgio da metáfora" (RAMADAN, 1997a, p. 29) Em outra direção, Tostão situa sua narrativa na dimensão não ficcional (real) enfatizando as análises táticas e técnicas do futebol.

Essas formas diferentes de escrever nos levam a crer que a crônica pode ser construída no campo poético e no campo jornalístico. A crônica "poética", "atemporal", "ficcional" tem suas características próximas do conto, mas se diferenciam quanto ao tamanho e, principalmente, quanto à intensidade poética. Já a crônica jornalística, temporal, tem a coluna como sua semelhante. Porém, a coluna procura relatar e a crônica é permitida a opinião.

A quantidade ^{de} cronistas e a qualidade apresentada nos textos mais o uso da metáfora em grande escala transformaram um gênero estrangeiro na terra que configuraria o "país do futebol". A crônica no Brasil acompanhou as modificações ocorridas no esporte e, em relação ao futebol, pode-se perceber que os assuntos são buscados também pela evolução desse esporte contando os feitos dos craques nas décadas de 1930, 1940 e 1950; nas décadas de 1960 e 1970 com a inclusão da discussão das táticas desenvolvidas; e atualmente temos o planejamento físico e as jogadas ensaiadas em destaque (MARQUES, 2000).

Trouche (2002) considera as décadas de 1920, 1930 e 1940 como sedimentadoras da prática do futebol, massificando e "[...] transformando o futebol, mais do que em esporte nacional, numa verdadeira paixão popular mobilizando um contingente de centenas de milhares de praticantes e torcedores a cada final de semana".

Uma breve observação nos periódicos nas primeiras décadas do século XX nos permite dizer que a imprensa do Rio de Janeiro ampliou o espaço dedicado aos esportes. Esta ampliação se dá no momento em que a imprensa se direciona para o amplo público que se formava em



PROTEORIA

Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física

torno do futebol, tomando como alicerce o caráter empresarial que caracterizava os grandes jornais (BOTELHO, 2006, p. 328).

O desenvolvimento do esporte

■ a imprensa mudar o olhar e a maneira de trabalhar a formação profissional da área. A editoria de esportes, antes considerada um ofício para iniciantes, uma escola para os novos profissionais da imprensa, com a evolução do esporte e a especialização profissional, mudou o conceito acerca do esporte e reescreveu o perfil do jornalista esportivo: além de saber regras,

devia conhecer "f... história, personagens, fatos, evolução nos tempos, implicação cultural e social" (COSTA, 2001, p. 31).

A caracterização de que o esporte seria, dentro dos jornais, uma editoria que acolhe profissionais com pouca experiência/conhecimento teria contribuído, também, para que a crônica esportiva fosse tratada como gênero menor. Para Truiche (2002) os anos de 1960 e 1970

[...] representam indiscutivelmente o apogeu do futebol brasileiro em todos os sentidos e é neste contexto que a crônica esportiva conquista espaço definitivo nos principais órgãos de imprensa do país e, principalmente, se profissionaliza definitivamente, adquirindo contornos políticos próprios, e redesenhando novas fronteiras para o universo do literário.

Reforça essa ideia o discurso abaixo, que inclui outros segmentos da cultura social envolvidos na difusão do esporte:

[...] o futebol, a literatura, a imprensa e a música popular constituíram no Brasil um poderoso tripé para a implementação e - principalmente - a popularização do esporte nas grandes cidades do país. Escritores, jornalistas e músicos assumiram através de seus trabalhos um diálogo constante com seus pares e com os torcedores. Ao mesmo tempo, participaram ativamente do cotidiano do esporte, atuando não só como

agentes culturais, mas também como cronistas, narradores esportivos, diretores de clubes, compositores de hinos e até mesmo como jogadores. As relações entre futebol, literatura, imprensa e música popular brasileira são, portanto, mais do que uma relação estética ou de inspiração temática, constituindo um novo espaço popular na sociedade (COELHO, 2006, p. 231).

Apesar disso, Lucena (2003) aponta que, com o passar dos dias, a crônica sofre com a perda do seu vigor. Com sua fase áurea, entre as décadas de 1950 e 1970, a crônica teria perdido sua força, talvez por dois motivos: o surgimento da televisão e a inexpressividade dos cronistas que surgiam. Porém, Ramadan (1997a, p. 18) nos remete ao fato de que, ao contrário do que se pensa, a crônica conquistava mais espaços:

Estas previsões pessimistas caem por terra se examinarmos jornais e revistas de grande circulação. Em quase todos [...] há um espaço cada vez maior destinado à voz dos cronistas. E pode-se afirmar que a crônica revitalizou-se de tal forma que, hoje, encontra-se em grau de especialização. Assim se explica a crônica humorística de Jô Soares e Luís Fernando Veríssimo, publicada em jornais e revistas da atualidade, ou a

futebolística de Armando Nogueira.

Em outro momento, o jornalismo esportivo perdeu força com o profissionalismo do futebol. Enquanto o futebol seguia amador, a Associação de Cronistas Desportivos (ACD) promovia o Torneio Intim, no Rio de Janeiro. Iniciado em 1916, durou até 1977, com o objetivo de incentivar torcedores a acompanhar suas equipes no campeonato estadual.

Esta imprensa escrita tem grande importância no que diz respeito ao desenvolvimento do futebol como objeto de consumo, a partir do momento em que o esporte ocupa, de maneira ampliada, o universo temático dos jornais. Assim o futebol passa a ser considerado um elemento que vai ajudar a ampliar as vendas de determinado periódico, à medida que este aumenta ao espaço de atuação dos cronistas esportivos.



PROTEORIA

Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física

A ACO começa a perder sua força à medida que o futebol e o jornalismo começam efetivamente a profissionalizar-se. Com o enfraquecimento do amadorismo, a partir de 1923, o futebol começa lentamente a deixar de ser organizado pelos jornalistas. E finalmente, em 1933, passa a girar inteiramente numa órbita profissional (BOTEIJO, 2006, p. 339).

Para Normando (2003), o *desinteresse* ¹⁴temido com o futebol estava presente na área acadêmica e a produção acerca da temática "futebol" estava fortemente associada aos conteúdos esportivos.

O futebol, por volta de segunda metade do século XX, deixou de frequentar o espaço de interesse acadêmico no país, tornando-se praticamente eliminado das pesquisas e a divulgação do trabalho científico sobre a temática. A menção mais notável de um período de crises esportivas – das quais o maior exemplo talvez seja Nelson Rodrigues – passou-se a argumentar a partir do fato de não ter uma perspectiva investigativa mais profunda.

A fase de crescimento da crítica se inicia com o aumento das intervenções em esporte, e isso, consequentemente, se deve ao desenvolvimento do esporte. O futebol, que até pouco não era muito popular e passava a experimentar os papéis, deixado o futebol e a chegada em segundo plano, tornou-se crítica e público. Em 1900, Ovídio Bilal já escrevia críticas desdenhando o conteúdo do futebol. Em 1976, Machado de Assis já discutia sobre futebol. Em 1980, Paulo Roberto Silva escrevia: (LUCENA, 2003, p. 145).

Assim, a literatura investigativa ganhou mais um acréscimo a seu conteúdo. O esporte. Com seu desenvolvimento, ganhou cada vez mais espaço e se tornou no conteúdo da cidade e no grande público. Assim, que escreveu sobre o dia a dia da cidade passaram a observar mais sua realidade. As críticas sobre o esporte – a, sobretudo o futebol – ganharam a atenção da crítica esportiva, “...” [um exemplo da crítica que se aproximava entre a linguagem jornalística e a crítica, que vai passa a pensar se constituiu num gênero próprio] (LUCENA, 2003, p. 145). É o que argumenta Marques (2008, p. 4).

O papel da linguagem, a linguagem e a crítica, a crítica de uma forma de ser construído argumentativo e investigativo, para pensar de fato a realidade dos problemas e transformar-se em esporte “corrente”. Seu desenvolvimento se dá numa conjugação de um fato social, analisado com um traço teórico e não um quantum social de pontos.

A crítica com o fim de pensar para ser se estabelecer em consequência de uma cidade e o país, a crítica e a cidade com o grande esporte, além disso, a crítica propagação do esporte nos conteúdos da cidade, inclusive com formação de cidades que agregaram os moradores de bairros e áreas desestruturadas que, estruturalmente não tinham a participação de crítica por meio, sendo, portanto, social. Formou grande público praticante e leitor de críticas esportivas (PEREIRA, 2003).

Formando consequentemente a crítica das práticas esportivas no fim de pensar do século XIX e no período de transição para o século XX. Mas (1999), vai apertar “transição” de crítica como uma forma de mostrar “transição” de ações nos diferentes esportes. Para isso, vai também investigar sobre a crítica de forma como ela se constitui entre o e em especial no fim de pensar, que tem uma forte ligação com esse gênero, torna-se uma fonte relevante que não permite ser apenas um pequeno texto de conteúdo (LUCENA, 2003, p. 145).

Como já foi visto, a mesma forma que a crítica transita entre o ficcional e o não-ficcional, vai também a faz entre o literário e o jornalístico. Pensamos que a crítica esportiva por mais para o lado jornalístico, analisando os fatos recentes, porém com o racional da liberdade do conteúdo em transformar a notícia. Costa (2002) argumenta a favor de uma análise esportiva mais próxima do cotidiano, quando diz que “...” [e a crítica esportiva se aplica no meio, se compreende de alguma forma, com a realidade de um fato] (p. 30). Nesse ponto entre o ficcional e o não-ficcional, percebemos que a ficcionalidade, mas a realidade da

crítica esportiva no Brasil, publicada em jornais, não tende a ficcionalizar (Costa, 2002). ¹⁵Então, a crítica esportiva se aplica no meio, se compreende de alguma forma, com a realidade de um fato (p. 30). Nesse ponto entre o ficcional e o não-ficcional, percebemos que a ficcionalidade, mas a realidade da

Então, a crítica esportiva no Brasil, publicada em jornais, não tende a ficcionalizar (Costa, 2002). ¹⁶Então, a crítica esportiva se aplica no meio, se compreende de alguma forma, com a realidade de um fato (p. 30). Nesse ponto entre o ficcional e o não-ficcional, percebemos que a ficcionalidade, mas a realidade da

—

—

—

—

—

—

—

—

—
